

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS

CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

BIANCA PRESOTTO

**A CONFIGURAÇÃO DO PAPEL FEMININO EM TRADUÇÕES DA
OBRA PRIDE AND PREJUDICE DE JANE AUSTEN**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2017

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS

CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

BIANCA PRESOTTO

**A CONFIGURAÇÃO DO PAPEL FEMININO EM TRADUÇÕES DA
OBRA PRIDE AND PREJUDICE DE JANE AUSTEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Português/Inglês, do Departamento Acadêmico de Letras, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dra. Mirian Ruffini

PATO BRANCO

2017



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **BIANCA PRESOTTO**

Título: **A configuração do papel feminino em traduções da obra *Pride and Prejudice*, de Jane Austen.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 30/11/2017, pela comissão julgadora:

Prof.ª Dra. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco
Presidente da Banca

Prof.ª Dra. Cláudia Marchese Winfield – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Me. Leandro Zago – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Dra. Cláudia Marchese Winfield
SIAPE N.º 1169334
Coordenadora do Curso de Licenciatura em
Letras Português - Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

Prof.ª Dra. Cláudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

PRESOTTO, Bianca. **A Configuração do Papel Feminino em Traduções da obra *Pride and Prejudice* de Jane Austen**. 2017. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras – Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2017.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso desenvolveu uma análise descritivo-comparativa de duas traduções da obra *Pride and Prejudice*, de Jane Austen. Analisaram-se as traduções de Lúcio Cardoso, publicada em 1982 pela editora Abril Cultural, e outra realizada por Roberto Leal Ferreira de 2015, publicada pela editora Martin Claret. Os objetivos deste trabalho foram: investigar aspectos dos costumes das mulheres do século XIX de forma a revelar o contexto social de produção da obra de partida; analisar a constituição das personagens femininas por meio do enredo, das construções linguísticas e escolhas lexicais do texto originário; apresentar a crítica preconizada por Jane Austen para a sociedade inglesa por meio dos relatos dos costumes patriarcais da época; verificar a transposição dos elementos críticos e da configuração das personagens por meio do contraste entre o texto de partida de Jane Austen e as duas traduções elencadas para esta pesquisa. Assim, foi possível analisar a transposição da configuração das personagens femininas da obra *Pride and Prejudice*, de Jane Austen, nas duas traduções aqui elencadas. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se dos pressupostos teóricos elaborados por Itamar Even Zohar (1990) e sua Teoria dos Polissistemas, de José Lambert e Hendrik Van Gorp (2006) e seu esquema para análise de traduções. Os postulados de Andre Lefevere (1992) serviram de base para discussões acerca da tradução como uma reescrita. Por fim, verificou-se que as traduções da obra *Pride and Prejudice* analisadas apresentam características marcantes tanto da domesticação como da estrangeirização, e que, inseridas no polissistema literário brasileiro, servem de relato da situação vivenciada pela mulher inglesa no século XIX.

Palavras-Chave: Jane Austen. Tradução. Polissistemas.

PRESOTTO, Bianca. **The transposition of Women's role in translations of Pride and Prejudice by Jane Austen.** 2017. 54 p. Final Paper (Graduation Course) – Languages – Portuguese/English, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2017.

ABSTRACT

The present final paper “The transposition of Women's role in translations of Pride and Prejudice by Jane Austen” has developed a descriptive-comparative analysis about two translations of the work *Pride and Prejudice*, by Jane Austen. The translations were one written by Lúcio Cardoso, published in 1982 by Abril Cultural, and the other was made by Roberto Leal Ferreira in 2015, and published by the publisher Martin Claret. The objectives of this work were: to investigate aspects of the customs of the nineteenth century women in order to reveal the social production context of the source text; to analyze the constitution of the female characters through the plot, linguistic constructions and lexical choices of the source text; to present the criticism reported by Jane Austen for English society through the patriarchal behaviors of that time; to verify the transposition of the critical elements and the configuration of the characters in order to contrast the source text of Jane Austen and the two translations listed for this research. Thus, it was possible to analyze the transposition of the female characters in *Pride and Prejudice*, in the two translations listed here. For the development of this study, the theoretical assumptions elaborated by Itamar Even Zohar (1990) of the Polissystems studies, by José Lambert and Hendrik Van Gorp (2006) and their scheme to analyse the translations. The postulates of Andre Lefevere (1992) served as the basis for discussions about translation as rewriting. Finally, it was verified that the translations of *Pride and Prejudice* analyzed here showed marked features of domestication and the foreignization, and that, when they got inserted in the Brazilian literary polysystem, they served as a report of the situation experienced by english women in the nineteenth century.

Keywords: Jane Austen. Translation. Polysystems.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Orgulho e Preconceito (1982)	39
Figura 2 Orgulho e Preconceito (2015)	41
Figura 3 Capa de edição ilustrada que consta na tradução de 2015	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 INGLATERRA GEORGIANA: O CONTEXTO DE JANE AUSTEN.....	11
1.1 CONTEXTO DAS TRADUÇÕES DE <i>PRIDE AND PREJUDICE</i>	15
2. O PAPEL DA FIGURA FEMININA: A SINGULARIDADE DAS MULHERES BENNET EM <i>PRIDE AND PREJUDICE</i>	18
2.1 SRA. BENNET	19
2.2 JANE BENNET	20
2.3 ELIZABETH BENNET	20
2.4 LYDIA BENNET	22
2.5 KATHERINE BENNET	22
2.6 MARY BENNET	23
3. ESTUDOS DA TRADUÇÃO	25
4. A CONFIGURAÇÃO DO PAPEL FEMININO EM DUAS TRADUÇÕES DE <i>PRIDE AND PREJUDICE</i>	30
5. ANÁLISE DE DADOS PRELIMINARES DAS TRADUÇÕES DE 1982 E 2015	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

Pelo estilo único e irreverente em cada linha dos seus textos, e por suas denúncias constantes dos padrões morais e das divisões sociais típicas da sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX, a renomada escritora inglesa Jane Austen contribuiu de maneira tão significativa para a Literatura, que suas obras ganharam várias adaptações para o cinema e televisão.

Jane Austen marca seu trabalho por dar voz às personagens femininas, retratando conflitos de classe ao questionar a figura da mulher nas relações sociais, e elaborando críticas à sociedade inglesa através de suas personagens. Sendo assim, pode ser dito que, por meio de suas heroínas, Jane Austen conseguiu transmitir para seus leitores noções de igualdade, liberdade de expressão e conscientização quanto a situação inferior das mulheres na sociedade tanto da época, quanto ainda é atualmente.

É por este viés, que no presente trabalho realiza-se uma análise que visa retratar e compreender a postura e os costumes adotados e muitas vezes impostos à mulher inglesa no século XIX. Este trabalho desenvolve um estudo de duas traduções da obra *Pride and Prejudice* de Jane Austen, inicialmente publicado em 1813. Por meio deste estudo, pretende-se primeiramente investigar aspectos dos costumes das mulheres do século XIX de forma a revelar o contexto social de produção da obra de partida, também analisar a constituição das personagens femininas por meio do enredo, das construções linguísticas e escolhas lexicais do texto originário. Dessa forma, será possível apresentar a crítica preconizada por Jane Austen para a sociedade inglesa por meio dos relatos dos costumes patriarcais da época e, por conseguinte, verificar a transposição dos elementos críticos e da configuração das personagens por meio do contraste entre o texto de partida de Jane Austen (versão de 2006, da editora Borders Classics) e as duas traduções elencadas para esta pesquisa.

As referidas traduções analisadas são uma realizada no ano de 1982, por Lúcio Cardoso e publicada pela editora Abril Cultural, e a outra de 2015, escrita por Roberto Leal Ferreira e publicada pela editora Martin Claret. A partir delas, foi feito um estudo comparativo-descritivo de como as personagens femininas se configuram em ambas as obras, de que forma se diferenciam ou se

aproximam, e também buscou-se entender suas disparidades com base no contexto em que foram publicadas, pois, como visto acima, as duas traduções escolhidas datam de séculos distintos.

Sabe-se também, que o contexto de criação da obra de partida de Jane Austen (1813) retrata o período da sociedade rural georgiana do século XIX. Assim, traz em seu enredo traços marcantes dos impactos que a sociedade inglesa exerceu no papel da mulher, no que diz respeito à sua postura e costumes frente àquela sociedade fundamentada pelo patriarcalismo. Nela, é possível ter nitidamente a presença das diferentes classes sociais, sendo elas “classe alta, média, e baixa; ou classe dominante, burguesia, e classe operária/trabalhadora”¹ (BROWN, 1985, p. 6, tradução nossa), com atenção específica à baixa aristocracia, na qual estava inserida a família dos Bennet, a qual será enfocada aqui.

Portanto, entrar em contato com o contexto histórico e social é essencial, pois torna possível um amplo entendimento de quais foram as limitações impostas pela sociedade aos costumes que as mulheres deveriam ou não seguir, e como isso é visto, principalmente no que tange ao casamento e à possibilidade de se alcançar a segurança e a estabilidade financeira por meio dele, travando o desejo incessante das mulheres de se casarem pelo medo de se tornar um peso para a família.

É no século XIX então, que se tem em evidência o papel da mulher restrito ao plano da família e a busca incessante por um casamento vantajoso, por isso, em *Pride and Prejudice* implica-se a notória distinção entre os papéis masculinos e femininos. Na obra, é possível vivenciar por meio das personagens, a educação da mulher toda voltada para o casamento, para ser mãe e esposa e responsável pelas tarefas do lar, ao passo que o homem é figura autoritária no ambiente familiar e provedor do sustento. Isto, portanto, é visto como denúncia da realidade da época, como assinala Brown “[...] a separação do marido e do lar contribuiu para a polarização dos papéis sexuais que caracterizaram a época e foi em partes responsável por seus estereótipos sexuais (homens tão fortes e

¹ “[...] upper, middle, and lower; or ruling class, bourgeoisie, and working class.” (BROWN, 1985, p. 6)

ativos, mulheres tão fracas e passivas, etc.)” (BROWN, 1985, p. 71, tradução nossa)².

Desse modo, partindo da perspectiva histórica que cerca ambas as traduções, e de um entendimento mais amplo da realidade a qual as mulheres vivenciavam na época, se torna possível analisar e contrastar duas traduções que datam de épocas diferentes e compreender porquê e de que forma diferem, com base no contexto em que foram realizadas. Além do que, desenvolver uma análise de traduções se torna extremamente pertinente, uma vez que ressalta a importância e a valoração do ato tradutório. As traduções permitem que as obras vivam ao longo dos tempos e permeiem horizontes de novas culturas, ampliando assim os conhecimentos de cada pessoa, que agora, tem em mãos uma maneira de viajar e conhecer um pouco mais da história e dos costumes de outra época e de outro povo, ao que discorre Lawrence Venuti “[...] a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras” (VENUTI, 2002, p. 130).

À vista do que foi exposto, o tema principal deste trabalho de conclusão de curso é o de explorar a maneira na qual as personagens femininas são concebidas, tanto na obra originária, de partida, quanto nas duas traduções subsequentes, as de chegada, decorrente do contexto em que cada uma foi publicada e, dessa forma, compreender como servem de relato e de protesto à realidade suportada pelas mulheres na sociedade inglesa do século XIX, principalmente às que faziam parte da baixa aristocracia, ou *lower gentry*.

Assim, tendo em vista as questões femininas apresentadas anteriormente, encontrou-se motivação para desenvolver este estudo, de forma que seja possível compreender qual era esse papel exercido pela mulher na sociedade patriarcal do século XIX e como isso foi relatado e denunciado por Jane Austen em suas personagens e posteriormente transposto para uma outra cultura, neste caso, a brasileira, e em duas épocas totalmente distintas.

² The separation of husband and home contributed to the polarization of sex roles that characterized the age and was partly responsible for its sexual stereotypes (men as strong and active; women as weak and passive, etc.). (BROWN, 1985, p. 71)

Em suma, este estudo consiste em cinco capítulos que abrangem considerações e análises essenciais para o seu bom aproveitamento. Os primeiros capítulos se atêm a contextualizar a Inglaterra Georgiana do final do século XVIII e início do século XIX, demonstrando o que estava ocorrendo na época que Jane Austen viveu, além de também explorar o que estava acontecendo concomitantemente no Brasil, ou seja na cultura de chegada. O capítulo subsequente consiste em descrever as personagens femininas de *Pride and Prejudice*, elencando suas características e expondo seus papéis na obra. Já o terceiro capítulo apresenta as teorias da tradução, nas quais este estudo é embasado. O antepenúltimo capítulo trará a análise de como as personagens femininas se configuram nas duas traduções. Já o capítulo seguinte, faz breves considerações dos dados preliminares das obras. E por fim, o último capítulo discorre sobre os resultados obtidos com este trabalho.

1 INGLATERRA GEORGIANA: O CONTEXTO DE JANE AUSTEN

Iniciando o presente estudo, torna-se imprescindível, para uma melhor compreensão acerca do que originou a obra *Pride and Prejudice*, entender o seu contexto de produção. Para isso, esta seção visa esclarecer quem foi a célebre escritora Jane Austen, como foi sua vida e o que ocorria na sociedade em que ela vivia, de forma a compreender a denúncia social que perpassa a presente obra.

Nascida em 16 de dezembro de 1775 em Steventon, Inglaterra, Jane Austen viveu na era chamada Georgiana (1714-1830), época em que se presenciava a Revolução Francesa (1789-1799), momento no qual se diferenciam os papéis sexuais estabelecendo uma oposição entre homens políticos e mulheres domésticas (PERROT, 2009). Esse contexto histórico serve de motivação para que esta distinção de poder existente entre os gêneros seja fortemente representada em sua obra. Além disso, vivencia-se também, nesta época, a Revolução Industrial (1760-1840), e o auge do Romantismo.

Segundo Frazão (2017), Jane foi a sétima de oito irmãos. O pai era pastor da Igreja Anglicana e morou na região até 1801, quando se aposentou e mudou com a família para a cidade de Bath. Em 1783, Jane e sua irmã Cassandra foram para o colégio interno da Sra. Cawley, em que ambas acabaram voltando para casa mais tarde por terem contraído uma doença. Posteriormente em 1784, as meninas foram novamente enviadas para um internato, o Abbey School, porém como o ensino não era muito proveitoso, elas retornaram para casa no final do mesmo ano, e a partir de então, os seus estudos ficaram por conta dos pais.

Essa questão de não haver na época uma educação de qualidade para as mulheres, se explica, pois, a educação da mulher, pelo menos até 1850 e 1880 ainda era deficiente e pouco valorizado, como assinala Brown:

Entre 1850 e 1880, vários internatos e escolas integrais que ofereciam uma educação mais séria para as meninas foram fundados e, a partir de 1871, em Cambridge, as mulheres eram admitidas em pequenas universidades. Mas não foi até o século XX que qualquer coisa que se aproximasse da igualdade de educação

para as mulheres fosse alcançada”. (BROWN, 1985, p. 56, tradução nossa)³

Dessa forma, devido à situação em que se encontrava a educação das mulheres e causadas por reviravoltas no processo de aprendizagem de Jane Austen, ela acabou aprendendo o que era comum para as moças da sua época: costura, música, pintura, dança e etiqueta. E, mesmo apesar de ter tido um ensino restrito, ao qual todas as mulheres da época deveriam se submeter, sua produção literária foi muito rica – apesar de ter vivido apenas até seus 42 anos –, o que se deveu principalmente pelo seu contato com a biblioteca do seu pai, como destaca Zardini (2013) “[n]ão é possível estabelecer quais escritoras que influenciaram Jane Austen, entretanto, é possível observar que a autora possuía uma biblioteca de tamanho razoável em sua casa e, portanto, tinha acesso aos livros escritos por suas contemporâneas” (ZARDINI, 2013, p. 7)

Há relatos de que nas horas livres, além de escrever os seus romances, Jane também costumava escrever cartas e que, dessa maneira, deixou, involuntariamente, registros de alguns de seus momentos de vida, a exemplo dos envoltivos amorosos e de um suposto pedido de casamento que recebera, cuja proposta foi negada por Jane. Não há relatos do porquê Jane havia dispensado tal pedido, porém em uma carta enviada à sua sobrinha, Fanny Knight, posteriormente, Jane disse “[que] tudo era aceitável, menos um casamento sem afeição”⁴, fato este que se assemelha muito com o vivido por sua personagem Elizabeth em uma cena de *Orgulho e Preconceito*, ao ser pedida em casamento pelo Sr. Collins, ao qual ela não sentia quaisquer inclinações amorosas, em que ela o responde:

[...] — O senhor está se precipitando — exclamou Elizabeth. — Esquece que ainda não lhe dei uma resposta. É o que vou fazer, sem mais perda de tempo: aceite os meus agradecimentos pela honra que está me dando. Creia que o aprecio devidamente, mas é-me impossível fazer outra coisa senão recusar. (AUSTEN, 1982, p. 102)

³ Between 1850 and 1880, several boarding schools and day schools offering a more serious education for girls were founded, and beginning in 1871 at Cambridge, women were admitted to universities in small numbers. But it was not until the twentieth century that anything approaching educational equality for women was achieved. (BROWN, 1985, p. 56)

⁴ Anything is to be preferred or endured rather than marrying without affection. (Carta de Austen para sua sobrinha Fanny Knight, datada de 18 de nov de 1814 – Anexo 1)

Recusar um casamento na sociedade inglesa do século XIX era feito por poucas mulheres de estimada coragem, devido às condições de desigualdade de gênero a que eram submetidas frente aos homens – detinham poucos e bem menos direitos que eles, principalmente no que tange à educação e ao trabalho –, assim como reitera Brown:

As opções profissionais para as mulheres da pequena nobreza na época de Jane Austen não existiam: “[O casamento] era a única opção honrada para uma moça bem-educada e de bens modestos, e por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável de ficar ao abrigo da necessidade” diz o narrador de *Orgulho e Preconceito*. Nos romances de Austen, a escolha de um marido por uma mulher, é portanto, dado um nível de atenção racional que, apesar de repugnante para o romântico, era necessária se ela estivesse interessada em sua sobrevivência. ” (BROWN, 1985, p. 63, tradução nossa)⁵.

À vista disso, as mulheres só teriam no casamento uma forma de ascender socialmente, e aquelas que não casassem até a faixa dos seus vinte anos, ficariam velhas para tal e acabariam vivendo à margem da sociedade, morando de favor e sendo sustentadas por algum parente, condição que se deve, prioritariamente, ao fato de que as mulheres não podiam trabalhar. Assim, Austen, ao recusar seu pretendente, ignorando como ficaria a sua questão financeira e valorando seus próprios princípios, conseguiu, ao viver isso, reafirmar de certa maneira sua denúncia feita em *Pride and Prejudice*, contra a sociedade patriarcal da época, e a favor da igualdade de direitos para a mulher.

Pela sua própria experiência, Jane Austen conseguiu tornar *Pride and Prejudice* um retrato fiel da sociedade inglesa do início do século XIX, explorando os costumes, a condição da mulher, os preconceitos e o casamento. A divisão de classes da sociedade inglesa do século XIX era separada em “alta, média ou baixa; ou classe dominante, burguesia e classe trabalhadora” (BROWN, 1985, p. 6) como assinalado anteriormente, ou seja, quanto mais dinheiro se tinha, maior seria a sua classificação. Assim, como as mulheres não eram proprietárias legítimas de nenhum tipo de propriedade material, a única maneira de adquirirem

⁵ Professional options for women of the gentry in Jane Austen's day did not exist: "[Marriage] was the only honourable provision for a well-educated young woman of small fortune, and however uncertain of giving happiness, must be their pleasantest preservative from want" says the narrator of *Pride and Prejudice*. In Austen's novels, a woman's choice of a husband is therefore given a level of rational attention that, however repugnant to the romantic, was necessary if she was interested in her survival. (BROWN, 1985, p. 63)

um status respeitável na sociedade era contrair casamento com um homem de alto nível social. Esta questão também será retratada por Jane em *Orgulho e Preconceito*, na escolha da personagem Charlotte em aceitar o pedido de casamento do Sr. Collins:

Charlotte, pessoalmente, se mostrou bastante discreta. Conseguiu o que almejava e tinha tempo para refletir no assunto. Suas reflexões foram em geral satisfatórias. Mr. Collins não era a bem dizer nem sensato nem agradável. A sua companhia era cansativa. E a sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas mesmo assim seria seu marido. Sem ter grandes ilusões a respeito dos homens ou do matrimônio, o casamento sempre fora o seu maior desejo; era a única posição tolerável para uma moça bem-educada e de pouca fortuna. E por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável de ficar ao abrigo da necessidade. Esta proteção, ela agora a obtivera. (AUSTEN, 1982, p. 116)

Assim, as mulheres muitas vezes sentiam-se forçadas a se casarem não com o homem que amavam, mas sim com um homem que consideravam mais “agradável” em todos os outros aspectos. O casamento era o único meio através do qual as mulheres podiam validar seu status social. Dessa forma, nota-se a denúncia preconizada por Jane em sua obra, que o casamento dificilmente era realizado pelo amor existente entre ambas as partes, mas era baseado em classe e status social, assim como reitera Brown:

Certo ou errado, é assim que as coisas representam seus personagens: Classe e dinheiro são a maneira através da qual eles devem moldar suas vidas. [...] Elas são para o romancista como a argila é para o oleiro, pois eles não são apenas a substância com a qual os personagens devem estruturar suas vidas; eles definem caráter e vida social. (BROWN, 1985, p. 1 e 2, tradução nossa)⁶

Além de Jane ter explorado as questões do casamento e as condições às quais a mulher era submetida na sociedade inglesa do final do século XVIII e início do século XIX e transposto isso em sua obra, ela pôde, em *Pride and Prejudice*, levar seus leitores a compreender de fato o que ocorria naquele tempo, ambientando e aproximando o leitor da realidade que era vivenciada. Isso se deve ao fato de a própria Jane ter se submetido às atividades e os costumes

⁶ Right or wrong, this is how things stand for her characters: Class and money are the media through which they must shape their lives. [...] They are to the novelist as the clay is to the potter, for they are not only the substance with which characters must structure their lives; they define character and social life. (BROWN, 1985, p. 1-2)

da região rural daquela época: visitas matinais, jantares, chás da tarde, recitais de música, bailes públicos e privados, são temas que conseguiram ser muito bem transpostos na trama de *Pride and Prejudice*, pois a autora vivia aquilo, propiciando ao leitor o contato com um retrato do contexto e das experiências de uma época.

Apesar de todo este rico arcabouço presente em suas obras, na época em que Austen viveu, o romance era visto como uma literatura inferior e as mulheres também não eram encorajadas a escrever ou a publicar, ao passo que Jane, assinava seus romances com o pseudônimo de “By a Lady”, como é lembrado por Teixeira (2015).

Austen não é lembrada somente pela obra *Pride and Prejudice* (1813). A autora também é conhecida pelas obras *Sense and Sensibility* (1811), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1816), e *Northanger Abbey* e *Persuasion* (1818). Sua escrita, analisada em *Pride and Prejudice* carrega um grande senso de moral, que ao mesmo tempo conta com bastante humor e ironia.

Jane Austen veio a falecer em 18 de julho de 1817, em Winchester, onde fora procurar tratamento para uma doença, possivelmente tuberculose. Todavia, dois séculos depois, graças às traduções de suas obras, sente-se como se ela ainda estivesse presente. Jane Austen tem uma inquestionável importância para a Literatura Inglesa e por esse motivo, suas obras passaram a ser traduzidas para novas culturas, à exemplo da inserção de *Pride and Prejudice* no Brasil, por tradutores como Lúcio Cardoso e Roberto Leal Ferreira, obras dos quais aqui se estudam.

1.1 CONTEXTO DAS TRADUÇÕES DE *PRIDE AND PREJUDICE*

Como *Pride and Prejudice* apresenta a diferença de gêneros existente na sociedade, torna-se importante elencar como era a situação das mulheres no século posterior à sua publicação, época em que se traduziu sua obra para o Brasil por Lúcio Cardoso (1982), e como se encontra nos dias atuais, concomitantemente ao período da tradução mais atual da obra feita por Roberto Leal Ferreira (2015).

Em 1982, a editora Abril Cultural publica então a tradução de *Pride and Prejudice feita pelo* tradutor e escritor Lúcio Cardoso. No século XIX, que precedeu sua publicação, o Brasil vivia tantas desigualdades quanto as mulheres inglesas nesta mesma época. As mulheres de classe média não tinham os mesmos direitos de estudos que os homens, e sua vida era dedicada ao ambiente familiar, e ainda o casamento era sua única forma de ter uma vida digna. No século XIX, segundo Del Priore em *História das Mulheres no Brasil* (2011) a sociedade brasileira estava sofrendo uma série de transformações, como a consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade burguesa, que reorganizava as vivências familiares e doméstica, do tempo e das atividades femininas. Dessa forma, presenciou-se a configuração de um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho.

Mais tarde, no século XX – contexto de produção da tradução de Lúcio Cardoso (1982) – começaram a ser vivenciadas grandes conquistas para as mulheres. Em 1910, houve a criação da Fundação do Partido Republicano Feminino e em 1922 a Fundação da Federação Brasileira pelo Progresso feminino; em 1927, a primeira mulher brasileira tira seu título de eleitora (Celina Guimarães Viana); em 1933 as mulheres passaram a ter direito a voto e Carlota Pereira de Queiroz foi eleita a primeira deputada para a Assembleia Constituinte; em 1951 a Organização internacional do trabalho aprovou a Convenção de Igualdade de Remuneração; mais tarde, em 1960 aparecem as pílulas anticoncepcionais e também há o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho; em 1980 surgem as delegacias da mulher, com um trabalho de conscientização da sociedade sobre violência contra a mulher. (GONÇALVES, 20--).

Como pode ser visto, o século XX no Brasil é marcado por muitas conquistas para as mulheres que antes viviam às sombras de seus maridos e presas às tarefas do lar. Obviamente, todas estas conquistas levaram tempo e tiveram muitos enfrentamentos. Desde o século passado, as mulheres vêm lutando por igualdade de direitos, e essa luta não findou. Na contemporaneidade – contexto de produção da tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada em 2015

pela editora Martin Claret – dois séculos após a publicação de *Pride and Prejudice*, na qual se evidenciou a desigualdade de direito para as mulheres, questiona-se: essas desigualdades deixaram de existir totalmente? O papel da mulher mudou perante a sociedade?

Respondendo a estes questionamentos, sabe-se, com o auxílio de Martini et al. em *Mulher do século XXI: conquistas e desafios do lar ao lar*:

A sociedade passa a abordar mais sobre o tema gêneros, com os movimentos feministas. O sexo feminino passa a ser visto com outro olhar, a mulher passa ser tratada com mais respeito, mas, no meio em que elas estão inseridas é bem difícil pensar em respeito, dignidade, liberdade e igualdade. Em todos os cargos que elas assumem, nas mais diferentes profissões, há relatos de discriminações, tanto no salário quanto no trabalho por elas exercidos. Os meios de comunicações, diariamente trazem relatos de mulheres sendo submetidas a vários tipos de torturas: assédios sexuais, violência física, violência moral, violência verbal, pressão psicológica e muitas delas assassinadas por colocar um fim no relacionamento não aceito pelo parceiro, violando assim tantos anos de lutas e desafios para preservar os direitos adquiridos. Compreende-se que, muitas delas ainda estão acalentadas em seus lares, submissas ao machismo impregnado na sociedade patriarcal, sendo assim ainda vista como o sexo frágil. (MARTINI et al, 20--, p. 2)

Todavia, apesar destas dificuldades que as mulheres vêm enfrentando, sua história já foi muito marcada por desigualdade e inferioridade frente à figura masculina, como é visto em *Pride and Prejudice* e em muitas outras obras literárias. Austen, em sua obra, cunhou o desejo de as mulheres obterem seu papel ativo na sociedade, e pode-se dizer que nos dias de hoje, elas têm conquistado isto e têm tomado seu espaço.

Para compreender melhor as questões tratadas nesta seção e de que forma isso foi transposto na obra de Jane, adentrar-se-á ao enredo presente em *Pride and Prejudice* na seção que se segue.

2. O PAPEL DA FIGURA FEMININA: A SINGULARIDADE DAS MULHERES BENNET EM PRIDE AND PREJUDICE

A família inglesa, no século XIX, como no Brasil, se mostra patriarcalista, na qual o homem é o ser máximo, exercendo na família o poder autoritário, tornando assim, a mulher inferior, e sujeita às decisões da figura masculina. A Ideologia colocou em oposição homens e mulheres, fundamentando-se na divisão sexual das tarefas. Michelle Perrot expõe isso quando revela que: “O século XIX levou a divisão de tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir o lugar de cada um. Lugar das mulheres: a Maternidade e a Casa cercam-na por inteiro [...] Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos [...]” (PERROT, 2009, p.186)

A mulher georgiana do século XIX não dispunha de direitos ou oportunidades para se expressar. Desde cedo já tinha seu destino estabelecido: se dedicar inteiramente ao mundo privado, ou seja, ao universo doméstico, não podendo estudar ou trabalhar. Assim, as mulheres daquela época eram consideradas submissas em relação ao homem, sendo este seu pai ou o marido.

O romance de Jane Austen, *Pride and Prejudice* (1813) mostra essa desigualdade de gêneros, o papel da mulher visto como inferior diante dessa sociedade patriarcal autoritária e conservadora, na qual as mulheres não tinham autonomia. Entretanto, em meio às várias personagens submissas, Austen revela Elizabeth Bennet, uma mulher que não aceita que a sociedade decida sobre seu futuro. Elizabeth é totalmente crítica com o que lhe é dito, e toma suas próprias decisões ao longo da trama.

Na obra *Pride and Prejudice*, há a presença de figuras femininas muito proeminentes, que em especial nesta seção, enfocar-se-á nas mulheres da família Bennet, sendo elas: Sra. Bennet, Jane, Elizabeth, Lydia, Katherine e Mary. Para tanto apresentar-se-ão a seguir, para explicar como elas se relacionam com a realidade e como a forma que são representadas é uma maneira de criticar os papéis das mulheres da época.

2.1 SRA. BENNET

“Era uma mulher de inteligência medíocre, pouca cultura e temperamento inconstante. Quando se contrariava, imaginava estar doente dos nervos. Seu objetivo na vida era ver as filhas casadas; seu consolo, as visitas e as fofocas.” (AUSTEN, 2015, p. 238)

A Sra. Bennet é a mãe de cinco jovens solteiras que está determinada a ter suas filhas arranjadas a um parceiro até o final do enredo. Escandalosa e muitas vezes inconveniente, ela não perde a oportunidade de apresentar suas filhas à sociedade ou a um novo homem importante na cidade. Isso é especialmente o que acontece com suas duas filhas mais velhas Jane e Elizabeth, que na primeira oportunidade são “empurradas” para o Sr. Bingley e o Sr. Collins como visto na trama de *Orgulho e Preconceito*: “— Não, meu bem, é melhor você ir a cavalo, pois parece que vai chover; e neste caso você terá que pernoitar lá. (AUSTEN, 1982, p. 34)” neste trecho, a Sra. Bennet diz para sua filha Jane ir até a casa do Sr. Bingley à cavalo, principalmente porque estava prestes a chover, assim, sua filha seria obrigada a dormir na casa dele, favorecendo com que ficassem mais íntimos.

Esta questão também pode ser comprovada no excerto a seguir, em que a Sra. Bennet exige que Elizabeth permaneça na sala à sós com o Sr. Collins, mesmo ela não se sentindo à vontade com isso: “Não, não, que absurdo Lizzy. Quero que você fique onde está. – E, como Elizabeth parecesse de fato, entre irritada e constrangida, a ponto de ir embora, acrescentou – Lizzy, insisto em que você fique e ouça o Sr. Collins [...]” (AUSTEN, 2015, p. 300).

Desta forma, percebe-se que a felicidade da Sra. Bennet só seria conquistada quando visse suas filhas casadas, ao passo que ela diz: “Se eu pudesse ver uma das minhas filhas instalada em Netherfield, alegre e feliz — disse Mrs. Bennet ao marido —, e todas as demais igualmente bem-casadas, nada mais teria a desejar” (AUSTEN, 1982, p.15), sendo que a Sra. Bennet permanece friamente com este pensamento, até ver suas filhas se casarem uma por uma.

2.2 JANE BENNET

Jane Bennet é um retrato da mulher que vivia na sociedade inglesa do século XIX, que não tinha liberdade de suas escolhas e ações, submissa ao que lhe era ditado sobre costumes e o casamento, e principalmente sobre o que era imposto por sua mãe, ou seja, Jane tinha a educação necessária para as mulheres da época.

A mais velha das irmãs Bennet, Jane Bennet é reconhecida como a “mais bela moça” do bairro local de Meryton, mas que aos olhos de sua fiel irmã Elizabeth é mais que isso:

Você bem sabe que tem uma inclinação para gostar das pessoas em geral. Nunca encontra defeito em ninguém. A seus olhos todos são bons e agradáveis. Nunca a ouvi falar mal de quem quer que seja em toda a minha vida. (AUSTEN, 1982, p. 19).

Dona de um bom coração, logo no início da trama Jane se apaixona pelo Sr. Bingley, e ela, da mesma forma que sua irmã, será uma das únicas personagens da trama a conseguir se casar com quem realmente ama, e não pela condição social que seu parceiro poderia lhe oferecer posteriormente.

2.3 ELIZABETH BENNET

Elizabeth Bennet é uma jovem de vinte anos, inteligente e de opinião própria. O caráter de Elizabeth chama a atenção para a liberdade feminina em uma época em que esse era um direito inexistente. Elizabeth, diferentemente de suas irmãs, recusava-se a buscar um casamento por ganhos financeiros, pois era independente o suficiente para buscar um casamento por carinho e não apenas por estabilidade. Esta foi a principal razão para a jovem recusar o pedido de casamento proposto pelo Sr. Collins, herdeiro das propriedades de seu pai, pois esse seria um casamento sem carinho, o que contrariava sua visão de felicidade, em que ela diz: “Seu plano é bom, respondeu Elizabeth, onde nada está em questão senão o desejo de ser bem casado, e se eu estivesse determinada a ter um marido rico ou qualquer marido, eu ouço dizer que eu deveria adotá-lo”. (AUSTEN, 1982, p. 14).

Como já visto, as leis da época limitavam a situação das mulheres, que não tinham o direito de controlar seu próprio dinheiro, visto que eram exclusivamente direitos masculinos. Por essas razões, era importante para elas terem bons casamentos e dedicarem-se a aprender o trabalho doméstico para que pudessem ser boas esposas. Elizabeth, ao obter esta postura, de declinar o pedido de casamento feito por Mr. Collins, portou-se totalmente contra os princípios tradicionais de seu tempo.

Em geral, pode-se dizer que Elizabeth é a representação da voz feminina, já que esta era quase nula na época. Sua personalidade forte influenciou suas opiniões, que eram mantidas independente de quem ela estava conversando, como é notável na passagem em que Lady Catherine de Bourgh a confrontou, por não considerar Elizabeth suficientemente boa para se casar com o Sr. Darcy:

— Então está resolvida a obtê-lo?

— Eu não disse tal coisa. Mas estou resolvida a agir de maneira a conquistar o que eu considero a felicidade, sem pedir os seus conselhos e nem os de qualquer outra pessoa estranha à minha família.

— Está bem. Então recusa atender ao meu pedido? Recusa-se a reconhecer os direitos do dever, da honra e da gratidão? Está decidida a destruir o bom nome do meu sobrinho na opinião de todos os seus amigos? E torná-lo assim um objeto de desprezo para todo o mundo? (AUSTEN, 1982, p. 309).

Ambas as personagens são completamente opostas, pois Lady Catherine, extremamente tradicionalista, não está de acordo com a postura de Elizabeth que recusa a atender o seu pedido: “— Não acho que se me casar com seu sobrinho sairei da minha esfera. Ele é um gentleman. Eu sou a filha de um gentleman. Portanto, somos iguais”. (AUSTEN, 1982, p. 309).

Elizabeth, assim, exhibe uma importante ruptura de costumes, evitando o comportamento típico da época, sendo uma jovem firme e determinada, que quer construir sua própria vida e assumir o controle de seu destino. Por causa de sua esperteza e de sua singularidade, ela é considerada a favorita de seu pai, que, por não ter filhos, vê na determinação de Elizabeth a diferença entre suas outras filhas.

2.4 LYDIA BENNET

Lydia, a filha mais nova dos Bennets, também se sobressai no enredo devido a sua caçada desesperada por um marido. Ela é um exemplo fiel de moças que buscam o casamento a qualquer custo, com o único propósito de terem a tão desejada vida confortável, deixando de lado o amor, e destacando dessa forma o casamento por conveniência ou necessidade.

Ela está sempre à procura de um homem, vivendo exclusivamente para esta realização, pois para Lydia o casamento é um grande acontecimento na vida de uma mulher. Seu comportamento no romance se destaca sempre por sua procura intensa por um casamento, e seus comentários sempre giram em torno disso:

E, em primeiro lugar, vamos ouvir o que aconteceu com vocês todas desde que partiram. Conheceram algum homem agradável? Flertaram com alguém? Eu tive grandes esperanças de que vocês arranjassem um marido antes de voltar. Jane logo, logo vai virar uma solteirona, ouçam o que eu digo. Ela tem quase 23! Céus, como eu teria vergonha de não estar casada antes dos 23! Minha tia Phillips diz que, para arrumar maridos, não se deve pensar. (AUSTEN, 2010, p.232).

Esse excerto acima demonstra bem qual é a sua postura ao decorrer da trama, uma menina imatura e ambiciosa, tanto que em dado momento da história, ela acaba fugindo de casa com o personagem Wickham e quase perde o seu valor perante a sociedade, pois havia partido sem se casar com ele.

2.5 KATHERINE BENNET

Assim como Elizabeth e Jane são muito próximas, também o são Katherine (Kitty) e Lydia, que apresentam posturas totalmente similares na trama, ou seja, mesmo tão novas, vivem nessa busca incessante por uma oportunidade de conhecerem um bom partido e engajarem-se em um casamento. Ao passo que, na maior parte do enredo, Kitty só aparece ao lado da irmã, passando o tempo com ela ou tomando posturas iguais às dela. As atitudes de cada uma, acabam por influenciar a outra e vice e versa, como é descrito por Elizabeth ao falar de Lydia:

Seu caráter estará fixado e com dezesseis anos ela será uma terrível namoradeira, cobrindo a si mesma e a sua família de ridículo. E uma namoradeira no pior sentido, sem outros atrativos a não ser a mocidade e a boa aparência. A sua ignorância e futilidade a tornarão incapaz de vencer o desprezo geral que o seu apetite imoderado de admiração há de provocar. E Kitty também corre o mesmo perigo. Ela acompanhará de olhos fechados os passos de Lydia. Vaidosa, ignorante, ociosa, e absolutamente descontrolada. (AUSTEN, 1982, p.206).

E era este o retrato do que Kitty e Lydia realmente eram, duas jovens, que em consequência dos costumes da sociedade em que se encontravam, acabaram vivendo suas tramas focadas em coisas fúteis para chamar a atenção de um aspirante a marido, assim como é visto no excerto que segue: “Katherine e Lydia tinham tido a sorte de nunca ficar sem par, a única coisa que elas consideravam importante num baile.” (AUSTEN, 1982, p. 17). Assim como é verificado, seus principais interesses, tanto de Lydia como de Kitty eram unicamente de chamar a atenção dos homens, para garantir um casamento, e assim, um futuro estável.

2.6 MARY BENNET

“Encontraram Mary, como sempre, profundamente absorta no estudo do contraponto e da natureza humana; tiveram que admirar novas citações e ouvir novas observações de moralidade convencional” (AUSTEN, 1982, p. 61).

A jovem Mary Bennet, apresenta alguns traços que seguem o perfil de uma mulher prendada do século XIX. Ela costumava tocar piano e ler bastante, apesar de não conseguir ter uma postura muito crítica sobre o que lia ou vivenciava e, da mesma forma que as irmãs, sai de casa e vai a bailes em busca de um bom partido. Mary, diferente das irmãs, não era tão bonita, por isso tentava agradar aos olhos de seus pretendentes e das outras pessoas tocando suas peças, como se vê: “Mary que, por ser a única sem graça da família, se esforçava muito para adquirir conhecimentos e habilidades e estava sempre impaciente para exhibi-los” (AUSTEN, 2015, p. 41).

Como explica Zardini, “ser uma boa pianista (pianoforte) atraía muita atenção, principalmente dos futuros pretendentes; assim, a moça seria capaz de entreter as visitas em sua futura casa” (ZARDINI, 2013, p. 3), e Mary via em sua

habilidade de tocar, uma maneira de ser notada por algum pretendente, já que sua aparência não era tão agradável.

Por meio desta breve análise das diferentes figuras femininas encontradas em *Pride and Prejudice*, procurou-se mostrar como Austen não só retrata o papel feminino, com personagens que trazem consigo as características predominantes dos costumes da época, como também Austen tenta propor, discretamente, que seria só enfrentando essa realidade que elas conseguiriam mudar de vida, ou os valores prevalentes da época. É por isso que a grande maioria das personagens do romance podem ser consideradas passivas, pois seguem o que lhes é imposto pela sociedade, assim como muitas mulheres o faziam na época.

3. ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Como afirmado anteriormente, o grande foco aqui é a exploração de duas traduções, buscando pontos de contato e contraste ente elas. Para tanto, com o intuito de compreender melhor quais os processos que envolvem o ato da tradução, utilizam-se os estudos realizados por teóricos aclamados na literatura, como Itamar Even-Zohar em *Polysystem Studies* (1990) que contribuiu amplamente para os Estudos da Tradução.

Seus legados deixados cravam a ideia de uma abordagem sistêmica, a teoria dos polissistemas. Desta forma, seus estudos possibilitam que as traduções não sejam mais vistas pelos debates sobre fidelidade e equivalência, mas sim pelo papel que o texto traduzido tem em seu novo contexto, ou seja, os estudiosos dão ênfase ao sistema alvo, sistema este em que as obras serão inseridas quando traduzidas (BASSNETT, 2002), já que “segundo seus postulados, os polissistemas culturais, sociais e literários, por exemplo, operam em conjunto e influenciam os processos comunicativos das interações humanas.” (RUFFINI, 2015, p. 20).

A teoria dos polissistemas segundo Even-Zohar (1990) deve ser adotada para que haja uma melhor compreensão dos padrões de comunicação dentro da cultura, linguagem, literatura e sociedade. Partindo desta perspectiva, torna-se possível estudar os sistemas e as relações que há entre eles, levando-se em conta todos os elementos pertencentes ao sistema literário e à literatura traduzida.

Partindo-se destas contribuições elaboradas pela teoria dos polissistemas que o presente estudo analisará a inserção de *Pride and Prejudice* no polissistema literário brasileiro. Além de utilizar-se do suporte teórico de Itamar Even-Zohar (1990), recorre-se aos estudos de José Lambert e Hendrik Van Gorp (2006) e seu modelo para análise das traduções. Neste esquema, considera-se:

Todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, inclusive o processo de tradução, suas características textuais, sua recepção, e até mesmo os aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução. (LAMBERT & VAN GORP, 2006, p. 212)

É através deste modelo [Anexo 2] que será possível fazer a análise de ambas as traduções aqui referidas, com a finalidade de averiguar as relações que permeiam os dois textos e a recepção das obras nos sistemas de partida e de chegada. Este modelo formulado por Lambert e van Gorp (2006) envolve quatro níveis do processo tradutório: o que diz respeito aos dados preliminares (títulos, paratextos, metatextos, etc); a análise do nível macroestrutural (capítulos, atos, estrofes); o nível microestrutural (seleção das palavras e os níveis de linguagem); e o contexto sistêmico (relações intertextuais e intersistêmicas).

Neste trabalho, pois, buscou-se dar ênfase à análise do nível microestrutural, visto que para eles, a tradução é entendida como o resultado de escolhas e estratégias que são adotadas dentro de um sistema de comunicação. Pois com esta análise, se torna possível entender as diferenças entre as traduções, revelar o que se perdeu ou ganhou com cada uma delas, e verificar se a crítica de Austen ainda predomina em ambas ou não. Finalmente, também procurou-se, dar uma breve atenção aos dados preliminares das duas traduções a fim de explorar um pouco do impacto que estes dados podem promover ao leitor.

Dando atenção especial ao nível microestrutural, pode-se compreender de que forma e com qual intuito cada palavra foi utilizada no processo de tradução. Aqui serão analisadas atentamente as estruturas gramaticais, estilísticas e formais, níveis de linguagem, entre outros, de forma a explorar como a personagem feminina foi retratada, tanto na obra de partida quanto nas obras de chegada, que datam de épocas e regiões bem distintas.

A investigação microestrutural irá possibilitar a visualização das particularidades do texto traduzido, permitindo a compreensão das escolhas dos tradutores na configuração das personagens femininas, com base no contexto social a que estão inseridas, e isto será interpretado à luz das teorias supramencionadas. O corpus da pesquisa, portanto, centra-se nos níveis microestruturas das traduções brasileiras de 1982 e 2015, focando-se na cultura de chegada e as inter-relações polissistêmicas dentro dela.

Além disso, para desenvolver uma análise de traduções, é importante adentrar nos pressupostos de Lawrence Venuti em *Escândalos da Tradução* (2002), que assinala a possibilidade de uma tradução de um texto ser mais estrangeirizada, em que os elementos culturais, literários e linguísticos do texto-fonte estejam incorporados na tradução. Além disso, Venuti também recomenda uma tradução mais estrangeirizada, que contenha algum elemento que cause estranhamento no leitor da língua alvo, e que provoque reflexão sobre as diferenças culturais entre os dois contextos, fonte e alvo. Para tal, será fundamental para esta análise verificar se as traduções aqui têm um teor de estrangeirização ou de domesticação.

Logo, é necessário entender melhor estes dois conceitos para podê-los utilizar posteriormente. Como explica Martins em *As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução* (2010) Venuti “denomina estrangeirização (o método de distanciamento, que leva o leitor da tradução até o autor do original), e domesticação (o que aproxima o autor do original do leitor da tradução por meio da estratégia de fluência[...])”. (VENUTI *apud* MARTINS, 2010, p. 67). Com base nessa diferenciação entre um conceito e outro, será possível classificar ambas as traduções, se elas têm um teor mais para o polo estrangeirizante ou para o polo domesticador.

Além destes célebres autores, os postulados de Andre Lefevere em *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992) são essenciais, pois realçam os valores que a tradução assume. Lefevere destaca primordialmente a importância da tradução, visto que segundo ele, ela é a responsável pela sobrevivência das obras literárias, revelando-as para novas épocas, novos contextos e sistemas – como ocorreu com as obras de Austen. O autor também faz considerações acerca das políticas de publicação de tradução, levando em conta aspectos de como o agente – o profissional tradutor – pode adequar o texto estrangeiro às formas da literatura atuais, deixando-a em compasso com os demais setores da sociedade, assegurando uma poética e ideologia que se conformem aos modelos vigentes.

Lefevere também comenta sobre a questão da patronagem, aqui explicada por Martins:

A patronagem pode ser exercida por pessoas isoladamente, coletividades, editores e a mídia, que normalmente atuam através de instituições que regulam a escrita e a disseminação da literatura: academias, órgãos de censura, suplementos de crítica e o sistema educacional. (MARTINS, 2010, p. 64).

A patronagem, portanto, tem o poder de estimular o sistema literário e a literatura traduzida. Em sua obra, Lefevere refletiu bastante sobre a patronagem, “desvelando minuciosamente seus mecanismos de funcionamento e possíveis impactos sobre os sistemas literários — e, conseqüentemente, sobre os sistemas sociais que os abrigam”. (MARTINS, 2010, p. 65). Para Lefevere, o leitor contemporâneo é exposto à literatura como ela foi reescrita por leitores profissionais: “em resumos, antologias, histórias literárias, dentre outros gêneros, de acordo com diferentes injunções de ordem poética e político-ideológica” (MARTINS, 2010, p. 65).

De Lefevere, também contribui com o termo de tradução como reescrita. Martins (2010) explica que para Lefevere a tradução “se refere ao resultado de uma complexa articulação do sistema literário com outras práticas institucionalizadas e outras formações discursivas (religiosas, étnicas, científicas)” (MARTINS, 2010, p. 63), portanto:

As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos, e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. Mas a reescrita também pode reprimir a inovação, distorcer e controlar, e em uma época de crescente manipulação de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura, exemplificado pela tradução, pode nos ajudar a adquirir maior consciência a respeito do mundo em que vivemos. (LEFEVERE *apud* MARTINS, 2010, p. 62).

Assim, a tradução, como toda reescrita, “reflete uma ideologia e uma poética, manipulando assim a literatura para funcionar na sociedade de uma certa maneira” (MARTINS, 2010), como é o caso de *Pride and Prejudice*, em que se presencia um senso de moral em sua trama, e com este estudo verificar-se-á se esta ideia de Austen permanece nas traduções **de Orgulho e Preconceito**.

Como visto já em algumas citações, no presente trabalho assinala-se a importância das considerações de Susan Bassnett em *Translation Studies* (2002), que possibilitaram uma compreensão mais ampla acerca dos Estudos da Tradução, pois “aborda os problemas centrais da tradução e oferece uma história

da teoria da tradução que tem início na Roma antiga e engloba as obras-chave do século XX” (BASSNETT, 2003, p. 3), além de explicitar pontos importantes sobre a relação do tradutor com a cultura da língua de chegada, já que cultura e língua são interligadas. Assim, para este estudo, levou-se em conta principalmente o que reitera Bassnett e os outros estudiosos aqui citados: a importância de se dar ênfase aos aspectos culturais da tradução, nos contextos dentro dos quais a tradução ocorre, que é o que aqui já foi previamente feito.

Além destes estudiosos, para que seja possível analisar o nível microestrutural das traduções, utiliza-se dos conceitos elaborados por Antoine Berman em *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo* (2007), e Lanzetti *et al* em *Procedimentos técnicos de tradução – Uma proposta de reformulação* (2009). Ambos autores trazem subsídios para uma compreensão mais ampla acerca dos procedimentos técnicos da tradução, de forma que possibilite este estudo embasar seus achados no processo de análise das traduções.

É por meio deste enriquecimento teórico, que se torna possível analisar criteriosamente de que forma se dá a transposição da mulher em ambas traduções, dando atenção ao nível microestrutural do modelo proposto por Lambert e van Gorp (2006); valorando a teoria dos polissistemas; e explorando o papel do agente tradutor e a sua preocupação em partir para uma literatura estrangeirizada ou domesticada. Com base nos pressupostos aqui reiterados tornou-se possível desenvolver a análise que se segue no próximo capítulo.

4. A CONFIGURAÇÃO DO PAPEL FEMININO EM DUAS TRADUÇÕES DE PRIDE AND PREJUDICE

Nesta seção, concentra-se a análise comparativa do texto de partida de *Pride and Prejudice*, versão de 2006, comparando-o às duas traduções para *Orgulho e Preconceito* aqui relacionadas, a tradução de Lúcio Cardoso (1982) e a de Roberto Leal (2015), de forma a desenvolver um estudo de como a mulher inglesa do século XIX foi retratada por Jane Austen, e como isso foi transposto nos textos de chegada, se de forma mais estrangeirizada ou domesticada, segundo os preceitos de Venuti, explicados por Lanzetti *et al*:

Os procedimentos estrangeirizadores aproximam o texto de chegada do texto original através do recurso de manutenção de itens lexicais, estruturas e estilo. Os procedimentos domesticadores afastam o texto de chegada do texto original, aproximando a tradução das estruturas linguísticas e da realidade extratextual da língua e da sociedade-alvo. (LANZETTI *et al*, 2009, p. 3).

Inicia-se este capítulo, pois, com a representação e denúncia primordial de Jane Austen aqui tanto destacada: a questão do casamento como única forma de a mulher alcançar a segurança e a estabilidade financeira na sociedade inglesa do século XIX. Esse era o desejo incessante das mulheres e, nesse caso, da Sra. Bennet, de ver todas as suas filhas casadas e não lançadas à margem da sociedade, como pode ser visto:

PRIDE AND PREJUDICE (2006)	ORGULHO E PRECONCEITO (1982)	ORGULHO E PRECONCEITO (2015)
If I can but see one of my daughters happily settled at Netherfield , said Mrs. Bennet to her husband, and all the others equally well married, I shall have nothing to wish for. (AUSTEN, 2006, p. 9)	Se eu pudesse ver uma das minhas filhas instalada em Netherfield, alegre e feliz - disse Mrs. Bennet ao marido -, e todas as demais igualmente bem casadas, nada mais teria a desejar. (AUSTEN, 1982, p. 15)	Se eu puder ver uma das minhas filhas bem estabelecida em Netherfield disse a Sra. Bennet ao marido, e todas as outras igualmente bem casadas, não vou querer mais nada. (AUSTEN, 2015, p. 240)

Após uma simples leitura dos trechos supracitados, percebe-se o que cada tradução provavelmente seguirá em seu decorrer, a primeira indo para o

polo domesticador e a segunda para o estrangeirizador, segundo os postulados de Venuti (2002). Isso está presenciado em “happily settled at Netherfield”, cuja primeira tradução (1982) traz “instalada em Netherfield, alegre e feliz”, ao passo que a segunda tradução (2015) indica “bem estabelecida em Netherfield”. Dessa forma, nota-se que a primeira adiciona o sentido de as filhas da Sra. Bennet estarem felizes ao mesmo tempo que estiverem bem estabelecidas em Netherfield, e já a segunda tradução só transmite o sentido de “estar bem estabelecida em Netherfield” e não feliz.

Isso era o que de fato acontecia na época e se primava mais, sendo que não importava estar feliz de fato com o casamento e estar apaixonada verdadeiramente pelo marido com qual casassem. As mulheres até seus vinte anos deveriam estar casadas, não importando se gostassem de seus pretendentes ou não, mas sim, pelo simples fato de não ficarem solteiras e vivendo às custas de parentes, já que não poderiam se sustentar.

E esta questão das mulheres, também é vista no trecho que se segue:

PRIDE AND PREJUDICE (2006)	ORGULHO E PRECONCEITO (1982)	ORGULHO E PRECONCEITO (2015)
I see what you are feeling, replied Charlotte. You must be surprised, very much surprised - so lately as Mr. Collins was wishing to marry you. But when you have had time to think it over, I hope you will be satisfied with what I have done. I am not romantic, you know; I never was. I ask only a comfortable home ; and considering Mr. Collins's character, connection, and situation in life. I am convinced that my chance of happiness with him is as fair as most people can boast on	Eu sei o que você está sentindo — replicou Charlotte. — Você está admirada porque Mr. Collins há tão pouco tempo ainda desejava se casar com você. Mas quando você tiver tempo de pensar sobre o assunto, espero que aprove a minha decisão. Bem sabe que não sou romântica. Nunca fui. Desejo apenas um lar confortável . E, considerando o caráter de Mr. Collins, as suas relações e a sua situação na vida, estou convencida de que tenho as mesmas possibilidades de ser feliz no casamento que a maioria das	Sei o que você está sentindo - respondeu Charlotte. - Deve estar surpresa, muito surpresa... Pois há muito pouco tempo o Sr. Collins queria casar com você. Mas, quando tiver tido tempo de refletir sobre o caso, espero que se alegre com o que fiz. Você sabe que eu não sou romântica: nunca fui. Quero apenas um lar decente ; e, considerando o caráter, as relações e a situação financeira do Sr. Collins, estou certa de que as minhas possibilidades de ser feliz com ele são tão razoáveis quanto as da maioria das pessoas que

entering the marriage state. (AUSTEN, 2006, p. 104)	outras mulheres. (AUSTEN, 1982, p. 118)	chegam à condição matrimonial. (AUSTEN, 2015, p. 313)
---	---	---

Aqui a tradução de “comfortable home” para “lar confortável” (1982) e “lar decente” (2015) obtém um sentido diferente em ambas, pois ter um lar decente chama a atenção de Charlotte em não querer viver “em qualquer lugar”, na miséria, enquanto que ter um lar somente confortável não significa explicitamente isso. Então, neste caso, a segunda tradução (2015) vai ao encontro da obra original, pois a preocupação de Charlotte era de principalmente não ficar na miséria. Por essa razão, ela sentia a necessidade de se casar, principalmente por não pertencer à uma família abastada, pois com a morte de seus familiares ela não teria como se sustentar, já que as mulheres da época não podiam trabalhar.

Assim, como retratado na obra, as mulheres precisavam fazer suas escolhas. Neste caso, Charlotte acaba por optar pelo casamento, pela vida privada, cuidando apenas das tarefas domésticas, do marido e dos futuros filhos, pois as atividades que podiam ser realizadas pela mulher eram apenas aquelas exercidas em casa, já que elas não podiam fazer parte do mundo público juntamente ao homem, e era apenas por meio disso que ela podia se realizar. Sendo essa sua única preocupação, a de estar casada e não à mercê da sociedade, assim como assinala Brown:

As mulheres nos romances de Austen selecionam um marido do jeito que as mulheres hoje selecionam uma faculdade. Uma senhora que, por qualquer motivo, encontrou-se sem apoio, poderia se tornar uma governanta, no entanto, e ainda permanece vagamente gentil, embora completamente excluída da sociedade aristocrática. (BROWN, 1985, p. 63).

Com relação à forma como a mulher é descrita também, tem-se neste outro excerto uma fala do Sr. Bennet sobre suas filhas:

PRIDE AND PREJUDICE (2006)	ORGULHO E PRECONCEITO (1982)	ORGULHO E PRECONCEITO (2015)
---------------------------------------	---	---

They have none of them to recommend them, replied he, they are all silly and ignorant like other girls; but Lizzy has something more of quickness than her sisters. (AUSTEN, 2006, p. 4)	Nenhuma delas tem muito o que se lhes recomende - respondeu Mr. Bennet. - São tolas e ignorantes como as outras moças. Mas Lizzy é realmente um pouco mais viva do que as irmãs. (AUSTEN, 1982, p. 10)	Nenhuma delas tem muita coisa que as recomende - replicou ele - são todas tolas e ignorantes, como as meninas sempre são; mas Lizzy é um pouco mais esperta que as irmãs. (AUSTEN, 2015, p. 238)
---	---	---

Neste trecho, presencia-se a tradução da palavra *quickness* para “viva” (1982) e “esperta” (2015), uma que enfatiza o lado figurativo do significado e a outra prioriza o aspecto literal, respectivamente. Ao passo que *quickness*, segundo o dicionário Thesaurus, significa “desempenho ou habilidade sem dificuldade”⁷. Nota-se, pois, que na obra de 2015, o tradutor optou por aliar a noção neste trecho de que Lizzy seria a mais esperta, dando a ela a característica de ter um pensamento mais crítico e rápido com relação ao que vivenciava. Já na tradução de 1982, ao utilizar-se da palavra *viva* ele acaba conferindo a conotação de que Lizzy seria mais dinâmica que as outras irmãs. Dessa forma, perde um pouco o enfoque ao lado intelectual de Elizabeth, tão valorado por Austen, pois diferencia-se muito de suas irmãs que também tinham seu lado “vivo”, mas que aceitavam tudo o que lhes era imposto e ditado pela sociedade.

Já no excerto subsequente, é curioso como as duas traduções brasileiras transmitem um significado bem distinto:

PRIDE AND PREJUDICE (2006)	ORGULHO E PRECONCEITO (1982)	ORGULHO E PRECONCEITO (2015)
In such cases, a woman has not often much beauty to think of. (AUSTEN, 2006, p. 4)	Em casos como esses, em geral, uma mulher não tem muito que pensar em beleza. (AUSTEN, 1982, p. 10)	Em tais casos, é raro a mulher ainda ter alguma beleza com que se preocupar. (AUSTEN, 2015, p. 238)

⁷ Noun 1. quickness - skillful performance or ability without difficulty. (fonte: <<https://www.thefreedictionary.com/quickness>>)

Neste trecho, tem-se uma fala do Sr. Bennet sobre sua esposa. Na primeira tradução (1982), entende-se que uma mulher já em uma idade avançada não tem porquê pensar em beleza, pois deve ter outras preocupações mais importantes para se pensar. Já na segunda tradução, entende-se que por estar em processo de envelhecimento, a mulher não tem mais sequer beleza com a qual se preocupar, o que traz mais comicidade ao trecho destacado, lembrando que o humor é um fator recorrente da obra original de Jane Austen.

Outro fato que relembra a comicidade e ironia na obra é o trecho que se segue, em que o Sr. Bennet, de posse do conhecimento de que sua filha Mary não consegue argumentar sobre o que lê, e somente absorve o conteúdo, ele a questiona sobre o que ela pensa sobre determinado assunto, dizendo:

PRIDE AND PREJUDICE (2006)	ORGULHO E PRECONCEITO (1982)	ORGULHO E PRECONCEITO (2015)
What say you, Mary? For you are a young lady of deep reflection , I know, and read great books and make extracts. (AUSTEN, 2006, p. 7)	Que é que acha, Mary? Sei que é uma moça de juízo ; lê grandes livros e faz resumos de tudo o que lê. (AUSTEN, 1982, p. 13)	Que você me diz, Mary? Sei que você é uma mocinha profundamente reflexiva , que lê grandes livros e faz resumo deles. (AUSTEN, 2015, p. 240)

Na primeira tradução de “Young lady of deep reflection” traz-se o significado de “moça de juízo”. Já a segunda versão apresenta a tradução para “mocinha profundamente reflexiva”. Aqui percebe-se mais um aspecto marcante da estrangeirização, em que Ferreira (2015) optou por traduzir cada palavra com base na sua exata equivalência à língua portuguesa e não fugir disso, ou seja utiliza-se do procedimento estrangeirizador de “tradução palavra-por-palavra” como assinala Lanzetti *et al* (2009): “A tradução palavra-por-palavra pressupõe que o texto de chegada terá o mesmo número de palavras do texto original, obrigatoriamente na mesma ordem sintática”, ao passo que Cardoso traz uma tradução mais simples e fácil para o leitor da língua alvo, fazendo o uso da domesticação da realidade extralinguística na qual se implicam “mudanças ou substituições dos itens culturais e referências exóforas presentes no texto-fonte” (LANZETTI, 2009, p. 17), de forma a tornar mais compreensível o texto para o

leitor, já que a expressão “moça de juízo” é mais utilizada e corriqueira na sua cultura, que é a cultura alvo, diferente de “mocinha profundamente reflexiva”.

Prosseguindo com esta análise, como já comentado previamente, Lydia, a mais jovem das irmãs Bennet, foge com o Sr. Wickham sem estar casada com ele. Entretanto, para não a ver sendo mal julgada e condenada pela sociedade por ter tomado esta atitude, o seu tio – que mais tarde descobre-se que foi o Sr. Darcy – paga o seu dote para Wickham, e os dois assim, casam-se. E é diante desta situação de uma possível infelicidade no casamento, mas mesmo assim com um final reconfortante para a família de Lydia, que se presencia um desabafo no seguinte trecho:

PRIDE AND PREJUDICE (2006)	ORGULHO E PRECONCEITO (1982)	ORGULHO E PRECONCEITO (2015)
Poor Lydia's situation must, at best, be bad enough; but that it was no worse, she had need to be thankful. She felt it so; and though, in looking forward, neither rational happiness nor worldly prosperity could be justly expected for her sister, in looking back to what they had feared, only two hours ago, she felt all the advantages of what they had gained. (AUSTEN, 2006, p. 249)	Coitada de Lydia; a sua situação, mesmo assim, era bastante ruim. Mas ainda tinha de dar graças a Deus por não ser pior. E, embora pensando no futuro, não via para a irmã grandes possibilidades de felicidade nem de prosperidade; e, ao se lembrar do passado, dos seus temores há duas horas apenas, Elizabeth sentiu, entretanto, todas as vantagens que tinham ganho. (AUSTEN, 1982, p. 267)	A situação da pobre Lydia, devia ser, no melhor dos casos, muito ruim; mas tinham de agradecer por não ter acontecido algo ainda pior. Ela percebia isso; e, embora, ao olhar para o futuro, não pudesse esperar para a irmã nem uma felicidade razoável nem a prosperidade mundana, ao olhar para trás, para o que tinham temido havia apenas duas horas, ela sentiu todas as vantagens do que haviam obtido. (AUSTEN, 2015, p. 418)

Percebe-se aqui, novamente, o valor que o casamento assumia na época para as mulheres, e como seria muito ruim para a imagem das mulheres se elas mantivessem relações com homens sem estarem casadas, e como o dote influenciou na decisão do Sr. Wickham para tomar a decisão de se casar com ela. Assim, mais uma vez, há a questão do casamento reiterada por Austen: “Nos romances de Austen, a escolha da mulher de um marido é, portanto, dada um nível de atenção racional que, por mais que seja repugnante para o romântico, era

necessário se ela estivesse interessada em sua sobrevivência” (BROWN, 1985, p. 63, nossa tradução)⁸. O conforto da família Bennet, aqui, está em ver sua filha casada e não lançada à margem de sua própria sorte.

Com esses excertos, também pode ser percebido como ambas as traduções de 1982 e de 2015 divergem. A versão de 2015 continua seguindo a tradução “palavra-por-palavra”, sendo assim, mais estrangeirizada. Em contrapartida, a versão de 1982 segue uma tradução domesticada, utilizando-se prioritariamente da paráfrase, explicada por Lanzetti *et al*, como se segue: “A tradução por paráfrase ocorre quando o tradutor decide utilizar estruturas mais longas e menos diretas para expressar, no texto-alvo, elementos do texto-fonte. O eufemismo geralmente é construído a partir de paráfrases” (LANZETTI *et al*, 2009, p. 10-11). E isso é visto em todo este trecho de Cardoso, em que ele absorveu o que foi lido da obra de partida e reformulou todo esse conteúdo com suas próprias palavras, como pode ser observado nos trechos excertados acima. A forma como se utilizou de suas palavras também pode ser entendida como uma tendência denominada racionalização, que segundo Berman:

A racionalização diz respeito em primeiro lugar às estruturas sintáticas do original, bem como a este elemento delicado do texto em prosa que é a pontuação. A racionalização re-compõe as frases e sequências de frases de maneira a arrumá-las conforme uma certa ideia da *ordem* de um discurso. (BERMAN, 2007, p. 48-49)

A sociedade inglesa do século XIX é marcada por uma série de costumes que atentam à educação da mulher, toda voltada para estar sempre bem apresentável para seus pretendentes, mostrando boas maneiras e sabendo impressionar e chamar a atenção dos cavalheiros pela forma como se portavam, e pela dança, nos frequentes bailes que ocorriam na época. E este costume é veemente presenciado na obra de Austen, que pode ser confirmado no excerto abaixo, em que Elizabeth é convidada para dançar uma *reel*, uma dança popular na época:

⁸ In Austen's novels, a woman's choice of a husband is therefore given a level of rational attention that, however repugnant to the romantic, was necessary if she was interested in her survival. (BROWN, 1985, p. 63)

PRIDE AND PREJUDICE (2006)	ORGULHO E PRECONCEITO (1982)	ORGULHO E PRECONCEITO (2015)
Do not you feel a great inclination, Miss Bennet, to seize such na opportunity of dancing a reel ? (AUSTEN, 2006, p. 44)	— A senhora não se sente inclinada a aproveitar esta oportunidade para dançar? — perguntou ele. (AUSTEN, 1982, p. 53)	Não gostaria, srta. Bennet, de aproveitar esta oportunidade para dançar um reel ? (AUSTEN, 2015, p. 267)

Nota-se também, outra marca da estrangeirização em Ferreira (2015), em que ele mantém a palavra estrangeira “reel”, que é uma dança típica inglesa. Já na tradução de Cardoso (1982) esta palavra é omitida pelo tradutor.

A utilização de uma palavra estrangeira, define um estrangeirismo por manutenção de itens lexicais do texto-fonte, segundo Lanzetti *et al* “também conhecida como empréstimo, ocorre quando o tradutor decide manter, no texto de chegada, um item lexical da língua-fonte” (LANZETTI *et al*, 2009, p. 6). Ao mesmo tempo que domesticação por omissão “é utilizada quando o tradutor decide não traduzir para o texto alvo algum item lexical ou estrutura do texto-fonte” (LANZETTI *et al*, 2009, p. 11), que neste caso é o item lexical “reel”. Possivelmente, o tradutor optou por omitir este conceito, supondo que o público-leitor do texto traduzido pudesse ter dificuldades ao interpretar este trecho, e pela dança “reel” não ser recorrente em seu contexto, neste caso, no contexto brasileiro, além do que o termo “reel” não recebeu uma devida explicação do seu significado, no texto-fonte.

A partir desta análise, pode ser concluído, com base nos pressupostos estudados e analisados no presente trabalho de conclusão de curso, que o tradutor da obra publicada em 2015, Roberto Leal Ferreira, e Lúcio Cardoso da tradução de 1982, produziram suas traduções de forma mais estrangeirizada e domesticada, respectivamente. Entretanto, ambas as traduções não perderam a essência do texto-fonte, e conseguiram expor para os seus leitores, qual era a denúncia tanto preconizada por Jane Austen: a condição que a mulher inglesa se encontrava no século XIX, sua submissão, sua falta de direitos (trabalho e estudo), e o casamento como sendo o único meio para a sua ascensão social.

Por fim, o próximo capítulo se detém à uma breve análise dos dados preliminares das traduções de 1982 e 2015, trazendo algumas considerações interessantes sobre elas e sobre a autora Jane Austen, de forma a contribuir para o enriquecimento deste estudo.

5. ANÁLISE DE DADOS PRELIMINARES DAS TRADUÇÕES DE 1982 E 2015

O presente capítulo almeja chamar a atenção para a maneira como os dados preliminares (títulos, paratextos, metatextos) e o nível macroestrutural das obras (capítulos, atos, estrofes) contidos nas duas traduções colaboram ou não para as expectativas do leitor, segundo Lambert e van Gorp.

Para isso, traz-se aqui primeiramente, considerações acerca da tradução de 1982. Em sua capa há a ilustração de duas mulheres, muito bem arrumadas com as vestes que eram frequentemente utilizadas na época. O cenário também demonstra que elas estejam em uma área rural, que foi a retratada por Jane Austen em sua trama como comentado pela própria editora Abril Cultural: “[Jane Austen] retratando a vida provinciana no século XVIII”, ou seja, a vida do interior, de quem vive longe da capital.



Figura 1 Orgulho e Preconceito (1982)

No primeiro momento, pode ser imaginado que as duas mulheres ilustradas são personagens da trama, mas é logo na página 6 que se encontra a descrição de quem são estas mulheres. Trata-se de Elizabeth e Mary Linley. As *Irmãs Elizabeth e Mary Linley* (1772), é um quadro de Thomas Gainsborough, que se encontra na Dulwich Gallery e retrata duas cantoras famosas do século XVIII, segundo o *website* da Dulwich Gallery:

Este retrato duplo de Elizabeth e Mary Linley, é a única pintura conhecida que representa as duas irmãs juntas, companheiras mais próximas uma da outra. [...] Elizabeth, a mais velha, usa uma camada azul pálida e se sobrepõe e olha para a distância, com as mãos apoiadas em um violão. Mary usa uma camada marrom dourada e uma sobreposição, e se engaja com o espectador com uma folha de pontuação no colo. A família Linley era uma famosa família musical conhecida como 'The Nest of the Nightingales'. Elizabeth era conhecida por sua voz e beleza, aparecendo primeiro como cantora em 1767 em Covent Garden e ela rapidamente se tornou uma das mais procuradas cantoras de oratórios. Mary fez sua estreia pública como atriz no Theatre Royal, Covent Garden em 1769 e depois seguiu os passos de sua irmã como cantora de Oratórios em 1771. Ambas as irmãs foram proibidas de cantar em público uma vez casadas e, portanto, Elizabeth se aposentou aos dezoito e Maria aos vinte e dois, privando o mundo musical de suas belas vozes (Tradução nossa) ⁹.

Apesar de não terem sua menção na trama de *Pride and Prejudice*, com a contribuição desta nota disponibilizada pela própria galeria, encontra-se profunda relação com o que foi relatado e criticado por Jane Austen em sua obra. As cantoras Linley são exemplo fiel de que as mulheres não tinham vez na sociedade inglesa do século XIX, tendo que abandonar suas profissões e abrir mão da felicidade e realização pessoal no momento em que se decidissem casar. A editora, em conhecimento deste retrato, fez seu bom uso, pois retratou em sua capa mulheres comuns da sociedade inglesa daquela época, que era a ideia de Austen.

Em sua capa, porém, não há menções quanto ao nome da editora, número da edição e aos nomes dos tradutores, só é verificado o nome da Coleção *Grandes Sucessos*, o nome da obra e de sua autora. Em sua contracapa, há um sucinto resumo do enredo da obra.

⁹ This double portrait of Elizabeth and Mary Linley, is the only known painting depicting both sisters together, each other's closest companions. [...] Elizabeth the eldest wears a pale blue underdress and overdress and gazes into the distance, with her hands resting on a guitar. Mary wears a golden brown under and overdress and engages with viewer with a score sheet on her lap. The Linley family were a famous musical family known as 'The Nest of the Nightingales'. Elizabeth was known for her voice and beauty, appearing first as a singer in 1767 in Covent Garden and she soon escalated to being one of the most highly sought after singer of oratorios'. Mary made her public debut as an actress at Theatre Royal, Covent Garden in 1769 and then followed in her sister's footsteps as a singer of Oratorios in 1771. Both sisters were forbidden to sing in public once married, and therefore Elizabeth retired at eighteen and Mary at twenty-two, depriving the music world of their beautiful voices. Fonte: (<http://www.dulwichpicturegallery.org.uk/explore-the-collection/301-350/elizabeth-and-mary-linley/>)

Já com relação à forma como a obra é elaborada internamente, há a divisão da trama em 61 capítulos – todos identificados em números romanos e sem títulos específicos – presencia-se no início do livro uma seção que antecede a trama, denominada *Introdução* em que o tradutor Lúcio Cardoso faz considerações a respeito da vida de Jane Austen e de suas obras. No decorrer da trama não há notas explicativas ou referenciando algo por Cardoso.

Na tradução de 2015, feita por Roberto Leal Ferreira, verifica-se que em sua capa não há referência às mulheres inglesas da época em que o livro foi publicado, apenas percebe-se o nome de Jane Austen em grande evidência, como pode ser comprovado abaixo:

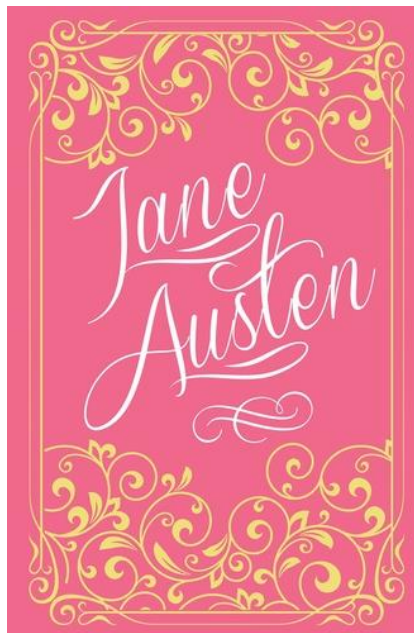


Figura 2 Orgulho e Preconceito (2015)

O fato de haver um destaque ao nome da autora e não fazer nenhuma menção ao nome das obras presentes – esta edição contém três obras de Austen – indica a importância da autora, pois ela se tornou tão conhecida que hoje seu nome é lembrado como sendo um dos maiores da literatura inglesa, pela forma como escrevia e como retratava tão bem a sociedade e os costumes ingleses da época. Seu nome causa impacto nesta edição, assim como suas obras contidas em seu interior também causaram.

As obras presentes nesta edição da editora Martin Claret, só aparecem na lombada do livro e na sua contracapa, sendo elas *Razão e Sensibilidade*,

Orgulho e Preconceito e Persuasão. Não há menção ao nome do tradutor e da editora na capa, apenas há em sua contracapa e na lombada a logo e o nome da editora. No interior do livro, não existe a presença de nenhum resumo sobre as obras ou comentários sobre a vida da autora. Apenas traz ao início de cada obra, uma ilustração.

No caso de *Orgulho e Preconceito* há a capa de uma edição ilustrada da obra, feita por Hugh Thomson em 1894:

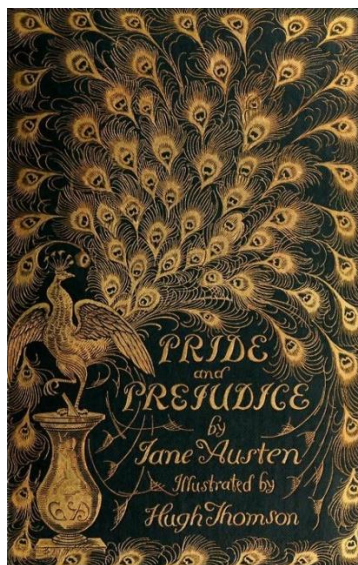


Figura 3 Capa de edição ilustrada que consta na tradução de 2015

Sua divisão em capítulos não ocorre em romanos como a versão de 1982. Ocorre em números cardinais, e não há notas criadas pelo tradutor.

Com base nos preceitos de Lambert e van Gorp (2006), verificou-se como os dados preliminares contribuem para a expectativa dos leitores. Neste capítulo, pôde ser constatado que na edição de 1982 da Abril Cultural, estes dados que antecedem a leitura, colaboram instigando o leitor a conhecer a obra *Orgulho e Preconceito*. A edição de 2015 da Editora Martin Claret, também contribui para a expectativa do leitor, que apesar de não trazer uma breve explanação da vida da autora, sua capa busca dar uma atenção especial à Jane, da importância que ela teve para a literatura inglesa, e também possibilitando que o leitor entre em contato com mais obras dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou primeiramente o contexto vivenciado pela autora Jane Austen, ou seja, a Inglaterra Georgiana. Assim, verificou-se que nesta época – fundamentada pelo patriarcalismo – havia uma grande distinção entre os papéis masculinos e femininos, principalmente porque a mulher inglesa de classe média do século XIX não tinha o direito de trabalhar, assim como o homem. A vida da mulher era unicamente destinada a encontrar um bom casamento, pois esta seria sua única forma de ter estabilidade e segurança.

Neste mesmo capítulo, foi apresentado o contexto vivenciado nas traduções brasileiras, principalmente no que diz respeito à mulher nesse contexto. Com isso, pôde ser notado que a história da mulher foi e é ainda nos dias de hoje marcada pela luta da igualdade de gêneros, fazendo com que a obra *Pride and Prejudice*, ao ser inserida no polissistema literário brasileiro, converse com essa realidade vivenciada pelas mulheres. Dessa forma, a obra promove uma certa identificação com o que já foi vivido na cultura de chegada e também incita uma reflexão em seus leitores sobre as imposições que a sociedade exerce no papel da mulher.

Em segundo posto, este trabalho examinou as características apresentadas pelas personagens femininas de *Pride and Prejudice*, de modo a explorar a forma que Jane Austen retratou em suas personagens os costumes impostos às mulheres de sua época. Aqui, destaca-se a personagem Elizabeth Bennet, que obtém uma postura diferente do que era esperado pelas mulheres na época. É por meio desta personagem que Austen tenta promover o pensamento de que as mulheres devem ter o poder de decidir sobre o seu futuro, e não ficar à mercê do que a figura masculina deseja impor sobre elas.

Em sequência, já que este trabalho discorre sobre a análise de duas traduções, algumas considerações sobre os Estudos da Tradução que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho foram feitas. Assim, esclareceram-se quais os métodos foram utilizados para este estudo e com qual propósito. Soube-se por meio disto, que os polissistemas culturais, sociais e

literários interagem entre si e influenciam uns aos outros, de modo que pôde ser visto, como a cultura e a sociedade influenciaram nos escritos de Jane.

Desta forma, no caso da literatura de Jane Austen, verificou-se que sua inserção no polissistema literário brasileiro ocorreu por meio dos tradutores, alguns deles aqui citados (Roberto Leal Ferreira e Lúcio Cardoso). A literatura de Austen contribuiu para a formação do sistema literário brasileiro e se inseriu no polissistema de literatura traduzida no Brasil, tornando-se referência para a compreensão da situação em que a mulher inglesa se encontrava no século XIX.

Da mesma forma, com este embasamento nos estudos da tradução e a posterior análise, notou-se como a tradução pode ser também entendida como um processo de reescrita, segundo Lefevere (1992). Neste trabalho, foi notória a capacidade da tradução de introduzir à nossa literatura novas expressões, ideias e conceitos.

Já em seu penúltimo capítulo, desenvolveu-se a análise principal deste trabalho, que consistiu em contrapor as duas traduções brasileiras. Com este estudo, foi possível verificar as disparidades entre ambas, além de poder ter um conhecimento mais amplo das denúncias feitas por Jane Austen. Aqui também foi possível verificar que as traduções de 1982 e de 2015, transmitiram estas denúncias feitas pela autora, uma com um teor mais domesticador e a outra mais estrangeirizante, respectivamente.

Com relação ao último capítulo, foi realizada uma sucinta análise dos dados preliminares, em que se fizeram considerações importantes sobre questões que antecedem a leitura das obras. Nesta seção, obteve-se um conhecimento acerca da recepção dos leitores ao se depararem com as obras. A de 1982, chamando a atenção para o enredo de *Orgulho e Preconceito*, e a segunda chamando mais atenção para quem foi a autora Jane Austen, e possibilitando que o leitor entre em contato com mais obras dela.

Foi em *Pride and Prejudice* que se encontrou uma crítica, por meio de sua trama, à sociedade inglesa, principalmente no que diz respeito ao papel da mulher. A escritora Jane Austen retratou como as mulheres seguiam à risca o que era imposto pela sociedade na época, abrindo mão de suas próprias vontades, e deixando escapar a sua felicidade. Retrato disso é a própria história

das irmãs Linley, as quais tiveram de abrir mão de serem cantoras no momento em que elas se casaram. Jane buscou, portanto, transpor em sua obra um teor de moralidade, com o intuito de incitar nas mulheres, o pensamento de que elas deveriam começar a pensar diferente, e comesçassem a lutar para dispor dos mesmos direitos que os homens.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice**. Ann Arbor: Borders Classics, 2006.

BASSNETT, Susan. **Translations Studies**. Routledge, 2002.

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução: Fundamentos de uma disciplina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BROWN, Julia P. **A Reader's Guide to the nineteenth century**. MacMillan Publishing Company, 1985.

DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKI, Carla Bassanezzi (Coord. textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Polysystem studies**. Poetics today, 1990.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Jane Austen**. 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/jane_austen/> Acesso em: 07 de jul de 2017.

GONÇALVES, Betania D. **Transformações psicossociais entre mulheres – Conquistas de direitos e Construção de Cidadania**. 20-- Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Betania_Goncalves.pdf> Acesso em: 19 de out de 2017.

LANZETTI, Rafael; BESSA, Danielle; GUEDES, Fabiana; FREITAS, Rosana de; MOURA, Vinicius C. de. **Procedimentos técnicos de tradução – Uma proposta de reformulação**. Revista do ISAT, nº 7, 2009.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On describing translations. In: LAMBERT, José. **Functional approaches to culture and translation: selected papers by José Lambert**. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2006.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London: Routledge, 1992.

MARTINI, Méry T.; SOUZA, Fernanda. **Mulher do século XXI: Conquistas e desafios do lar ao lar**. 20-- Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Mary-Terezinha-Martini.pdf>> Acesso em: 20 de out de 2017.

MARTINS, Marcia do A. P. **As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução**. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras, 2010.

PERROT, Michelle [org]. **História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RUFFINI, Mirian. **A tradução da obra de Oscar Wilde para o Português brasileiro: Paratexto e O retrato de Dorian Gray**. Florianópolis: UFSC, 2015.

TEIXEIRA, Rebeca L. **“May I Introduce you Mr. Darcy?” Focalização da personagem em Pride and Prejudice**. Salvador, 2015.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos de Tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ZARDINI, Adriana S. **A identidade feminina na obra 'Orgulho e Preconceito' de Jane Austen.** Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

ANEXOS**ANEXO 1 – CARTA ESCRITA POR JANE AUSTEN PARA SUA SOBRINHA
FANNY KNIGHT**

Chawton: Friday (Nov. 18, 1814).

I feel quite as doubtful as you could be, my dearest Fanny, as to when my letter may be finished, for I can command very little quiet time at present; but yet I must begin, for I know you will be glad to hear as soon as possible, and I really am impatient myself to be writing something on so very interesting a subject, though I have no hope of writing anything to the purpose. I shall do very little more, I dare say, than say over again what you have said before.

I was certainly a good deal surprised at first, as I had no suspicion of any change in your feelings, and I have no scruple in saying that you cannot be in love. My dear Fanny, I am ready to laugh at the idea, and yet it is no laughing matter to have had you so mistaken as to your own feelings. And with all my heart I wish I had cautioned you on that point when first you spoke to me; but, though I did not think you then so much in love, I did consider you as being attached in a degree quite sufficiently for happiness, as I had no doubt it would increase with opportunity, and from the time of our being in London together I thought you really very much in love. But you certainly are not at all -- there is no concealing it.

What strange creatures we are! It seems as if your being secure of him had made you indifferent. There was a little disgust, I suspect, at the races, and I do not wonder at it. His expressions then would not do for one who had rather more acuteness, penetration, and taste, than love, which was your case. And yet, after all, I am surprised that the change in your feelings should be so great. He is just what he ever was, only more evidently and uniformly devoted to you. This is all the difference. How shall we account for it?

My dearest Fanny, I am writing what will not be of the smallest use to you. I am feeling differently every moment, and shall not be able to suggest a single thing that can assist your mind. I could lament in one sentence and laugh in the next,

but as to opinion or counsel I am sure that none will be extracted worth having from this letter.

I read yours through the very evening I received it, getting away by myself. I could not bear to leave off when I had once begun. I was full of curiosity and concern. Luckily your At. C. dined at the other house; therefore I had not to manoeuvre away from her, and as to anybody else, I do not care.

Poor dear Mr. A.! Oh, dear Fanny! your mistake has been one that thousands of women fall into. He was the first young man who attached himself to you. That was the charm, and most powerful it is. Among the multitudes, however, that make the same mistake with yourself, there can be few indeed who have so little reason to regret it; his character and his attachment leave you nothing to be ashamed of.

Upon the whole, what is to be done? [words omitted in Brabourne edition: "You certainly have encouraged him to such a point as to make him feel almost secure of you"] You have no inclination for any other person. His situation in life, family, friends, and, above all, his character, his uncommonly amiable mind, strict principles, just notions, good habits, all that you know so well how to value, all that is really of the first importance, everything of this nature pleads his cause most strongly. You have no doubt of his having superior abilities, he has proved it at the University; he is, I dare say, such a scholar as your agreeable, idle brothers would ill bear a comparison with.

Oh, my dear Fanny! the more I write about him, the warmer my feelings become -- the more strongly I feel the sterling worth of such a young man and the desirableness of your growing in love with him again. I recommend this most thoroughly. There are such beings in the world, perhaps one in a thousand, as the creature you and I should think perfection, where grace and spirit are united to worth, where the manners are equal to the heart and understanding, but such a person may not come in your way, or, if he does, he may not be the eldest son of a man of fortune, the near relation of your particular friend and belonging to your own county.

Think of all this, Fanny. Mr. A. has advantages which do not often meet in one person. His only fault, indeed, seems modesty. If he were less modest he would be more agreeable, speak louder, and look impudenter; and is not it a fine character of which modesty is the only defect? I have no doubt he will get more lively and more like yourselves as he is more with you; he will catch your ways if he belongs to you. And, as to there being any objection from his goodness, from the danger of his becoming even evangelical, I cannot admit that. I am by no means convinced that we ought not all to be evangelicals, and am at least persuaded that they who are so from reason and feeling must be happiest and safest. Do not be frightened from the connection by your brothers having most wit -- wisdom is better than wit, and in the long run will certainly have the laugh on her side; and don't be frightened by the idea of his acting more strictly up to the precepts of the New Testament than others.

And now, my dear Fanny, having written so much on one side of the question, I shall turn round and entreat you not to commit yourself farther, and not to think of accepting him unless you really do like him. Anything is to be preferred or endured rather than marrying without affection; and if his deficiencies of manner, &c. &c., strike you more than all his good qualities, if you continue to think strongly of them, give him up at once. Things are now in such a state that you must resolve upon one or the other -- either to allow him to go on as he has done, or whenever you are together behave with a coldness which may convince him that he has been deceiving himself. I have no doubt of his suffering a good deal for a time -- a great deal when he feels that he must give you up; but it is no creed of mine, as you must be well aware, that such sort of disappointments kill anybody.

Your sending the music was an admirable device, it made everything easy, and I do not know how I could have accounted for the parcel otherwise; for though your dear papa most conscientiously hunted about till he found me alone in the dining-parlour, your Aunt C. had seen that he had a parcel to deliver. As it was, however, I do not think anything was suspected.

We have heard nothing fresh from Anna. I trust she is very comfortable in her new home. Her letters have been very sensible and satisfactory, with no parade of happiness, which I liked them the better for. I have often known young married women write in a way I did not like in that respect.

You will be glad to hear that the first edition of M. P.[1] is all sold. Your uncle Henry is rather wanting me to come to town to settle about a second edition, but as I could not very conveniently leave home now, I have written him my will and pleasure, and, unless he still urges it, shall not go. I am very greedy and want to make the most of it, but as you are much above caring about money I shall not plague you with any particulars. The pleasures of vanity are more within your comprehension, and you will enter into mine at receiving the praise which every now and then comes to me through some channel or other.

Saturday. -- Mr. Palmer spent yesterday with us, and is gone off with Cassy this morning. We have been expecting Miss Lloyd the last two days, and feel sure of her to-day. Mr. Knight and Mr. Edwd. Knight are to dine with us, and on Monday they are to dine with us again, accompanied by their respectable host and hostess.

Sunday. -- Your papa had given me messages to you, but they are unnecessary, as he writes by this post to Aunt Louisa. We had a pleasant party yesterday, at least we found it so. It is delightful to see him so cheerful and confident. Aunt Cass. and I dine at the Great House today. We shall be a snug half-dozen. Miss Lloyd came, as we expected, yesterday, and desires her love. She is very happy to hear of your learning the harp. I do not mean to send you what I owe Miss Hare, because I think you would rather not be paid beforehand.

Yours very affectionately,
JANE AUSTEN.

[Words omitted in Brabourne edition: "Your trying to excite your own feelings by a visit to his room amused me excessively. The dirty shaving rag was exquisite! Such a circumstance ought to be in print. Much too good to be lost. Remember

me particularly to Fanny C. -- I thought you would like to hear from me, while you were with her."]

Miss Knight, Goodnestone Farm,
Wingham, Kent.

Fonte: <<http://www.pemberley.com/janeinfo/brablt15.html#letter80>>

ANEXO 2 – ESQUEMA SINTETIZADO PARA DESCRIÇÃO DE TRADUÇÃO LAMBERT E VAN GORP (2006, p. 47,48)

Esquema sintetizado para a descrição de tradução LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On describing translations. In: LAMBERT, José. Functional approaches to culture and translation: selected papers by José Lambert. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2006. p. 46-47.

1.Dados preliminares

Título e página-título (por exemplo, a presença ou ausência da indicação de gênero, nome do autor, nome do tradutor)

Metatextos (na página título; no prefácio; nas notas de rodapé – no texto ou separado?)

Estratégia geral (tradução parcial ou completa?)

Estes dados preliminares deveriam levar a hipóteses para análise posterior tanto no nível macroestrutural como no nível microestrutural.

2.Macronível:

Divisão do texto (em capítulos, atos, cenas, estrofes)

Título dos capítulos, apresentação dos atos ou cenas

Relação entre os tipos de narrativa, diálogos, descrição; entre diálogo e monólogo, voz solo e coro

Estrutura narrativa interna (enredo episódico? Final aberto?); intriga dramática (prólogo, exposição, clímax, conclusão, epílogo); estrutura poética (por exemplo, contraste entre quartetos e tercetos em um soneto)

Comentário autoral, instruções de palco

Esses dados macroestruturais devem levar a hipóteses sobre as estratégias microestruturais.

3. Micronível (isto é, mudanças nos níveis fônicos, gráficos, microssintáticos, léxico-semânticos, estilísticos, elocucionários e modais):

Seleção de palavras

Padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias formais (metro, rima)

Formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta livre)

Narrativa, perspectiva e ponto de vista

Modalidade (passiva ou ativa, expressão de incerteza, ambiguidade)¹⁹¹

Níveis de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão)

Esses dados sobre estratégias microestruturais deveriam levar a um confronto renovado com as estratégias macroestruturais e daí a considerações em termos do contexto sistemático mais amplo.

4. Contexto sistêmico:

Oposições entre micro e macroníveis e entre texto e teoria (normas, modelos)

Relações intertextuais (outras traduções e obras “criativas”)

Relações intersistêmicas (por exemplo, estruturas de gênero, códigos estilísticos)